

NOVAS PERSPECTIVAS A RESPEITO DAS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS HUMANAS E NÃO HUMANAS



**Universidade
Tuiuti do
Paraná**

Irene Carmem Picone Prestes
Supervisora



Universidade
Tuiuti do
Paraná

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Bianca Simone Zeigelboim

Coordenadoria de Pesquisa, Iniciação Científica e Editoração Científica

Josélia Schwanka Salomé

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica e capa

Haydée Silva Guibor

Imagem da capa

OpenAI. (2025). Imagem gerada por inteligência artificial a partir de *prompt* gerado pela designer.

Revisão de Língua Portuguesa

A revisão da língua portuguesa dos textos é de inteira responsabilidade dos autores.

Contato

Campus Sydnei Lima Santos

Rua Sydnei Antônio Rangel Santos, 245 | Santo Inácio
CEP 82010-330 | Curitiba - PR | 41 3331-7654 / 3331-7650
editoracao.proppe@utp.br

Irene Carmem Picone Prestes
Supervisora
Aline Gonçalves Gazzinelli de Lima
Bárbara de Figueiredo da Rocha de Meira
Glauce Kossatz de Carvalho
Valquíria Garcia
Alunas do Curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná

NOVAS PERSPECTIVAS A RESPEITO DAS RELAÇÕES ENTRE AS PESSOAS HUMANAS E NÃO HUMANAS

Curitiba
2025

Autoras

Aline Gonçalves Gazzinelli de Lima

Bárbara de Figueiredo da Rocha de Meira

Glauce Kossatz de Carvalho

Valquíria Garcia

Acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, responsáveis pela elaboração dos capítulos deste e-book, contribuindo com pesquisa, análise e redação sobre as relações interespécies e o desenvolvimento emocional.

Supervisora

Irene Picone Prestes

Psicóloga, Psicanalista, Pós-graduada em Psicologia do vínculo homem-animal, Pós-graduada em Antropologia Cultural, Docente universitária, CRP 08/1877.

Agradecimentos

A realização deste e-book só foi possível graças ao apoio, orientação e incentivo de pessoas que acreditaram e contribuíram com este projeto de iniciação científica.

Primeiramente, expressamos nossa mais profunda gratidão à professora Irene Carmen Picone Prestes, nossa orientadora, cuja dedicação, expertise e paciência foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua visão e orientação acadêmica nos guiaram em cada etapa do processo, sempre incentivando a busca pelo conhecimento e pela excelência.

Agradecemos também à Universidade Tuiuti do Paraná, que proporcionou o espaço e os recursos necessários para a realização deste projeto, bem como aos colegas e professores que compartilharam conhecimentos e reflexões valiosas ao longo desta jornada.

Reconhecemos, ainda, o apoio de nossas famílias, amigos e todas as pessoas que, direta ou indiretamente, estiveram ao nosso lado, oferecendo motivação e compreensão durante os desafios enfrentados.

Por fim, dedicamos este trabalho a todos que buscam novas perspectivas sobre as relações entre seres humanos e não humanos, acreditando que juntos podemos construir um mundo mais empático e interconectado.

Nosso sincero agradecimento a todos!

Introdução

A interação entre humanos e não humanos, especialmente cães, tem se mostrado um tema relevante para a Psicologia, com impactos significativos no bem-estar emocional de ambas as partes. Este estudo explora conceitos como família multiespécie, teoria do apego, antropomorfização e socialização intra e interespécie moldam essas relações, enfatizando a importância de um ambiente “suficientemente bom” para o desenvolvimento saudável.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Conceito de Família Multiespécie

O conceito de família multiespécie redefine as estruturas familiares tradicionais, reconhecendo animais como membros afetivos legítimos. Essa visão enfatiza as trocas emocionais entre espécies, mostrando como humanos e não humanos compartilham laços profundos que vão além da convivência funcional. Baseada na teoria de John Bowlby, o estudo do apego revela que os vínculos entre tutores e cães podem se assemelhar aos padrões de apego humano. Ambientes emocionalmente seguros promovem confiança e bem-estar, enquanto tutores com apego inseguro podem refletir suas inseguranças nos animais, gerando comportamentos ansiosos.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

A antropomorfização, que atribui características humanas aos animais, pode fortalecer os vínculos afetivos, mas também exige cautela para não negligenciar as necessidades naturais dos cães. Este conceito é essencial para entender como tutores percebem e interagem com seus animais.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Socialização Intra e Interespécie

A socialização é fundamental para o desenvolvimento emocional de humanos e não humanos.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

A teoria de Donald Winnicott, que destaca a importância de um ambiente “suficientemente bom”, se aplica tanto à interação entre humanos quanto à socialização intraespécie entre cães, permitindo um amadurecimento emocional saudável. O conceito de família multiespécie é uma realidade em expansão, desafiando definições tradicionais e ampliando as interações afetivas para além das espécies humanas. Este estudo evidencia que um ambiente seguro e relações de apego saudáveis são essenciais para o bem-estar emocional de humanos e não humanos. A antropomorfização e a

socialização intra e interespecie complementam essa visão, destacando a necessidade de uma convivência consciente e equilibrada.

A Relação de Apego entre Humanos e Não Humanos

Os cães atualmente exercem diversas funções na relação com os seres humanos. A relação emocional já se provou benéfica para ambas as espécies, um exemplo disso, são os registros de tempos mais remotos de cães com doenças raras que sobreviveram por mais tempo devido aos cuidados humanos.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

O estudo de Cabral (2020), nos mostra que esta relação necessita de uma visão holística e utiliza dados de 2016 para

apresentar três categorias que interferem: fatores culturais (crenças ideológicas, religiosas e históricas); atributos caninos (raças, porte e comportamentos); e atributos humanos (efeitos do gênero das pessoas na interação com cães).

Além disso, uma pesquisa publicada em janeiro deste ano, observou que crianças já no início da vida (as idades foram de 1,7 até 3,1 anos de idade) ajudam naturalmente cães de estimação a conseguir comida ou brinquedos que estes tinham dificuldade para alcançar por conta própria.

A frequência foi maior quando os cães lutavam para alcançar os objetos em comparação com quando os cães ignoravam e isto indica que as ações das crianças decorrem, em grande parte, do reconhecimento da capacidade do cão de ter objetivos e desejos e ter a capacidade de inferir quais seriam eles. A doação também aumentou quando o animal foi enérgico e engajado ao interagir com eles. (Reddy et al., 2023)

Ainda sobre a relação humano-cães, é preciso discorrer sobre como se dá o apego entre as duas espécies. Para iniciar tal discussão, é preciso analisar a *Teoria do Apego* de John Bowlby (1997), que apresenta as nuances sobre o vínculo que se estabelece entre o cuidador e o bebê.

Tal teoria esclarece que os bebês estão predispostos a se apegar para sobreviver física e emocionalmente. Este vínculo é formado com a pessoa preferida e considerada a mais forte ou sábia dentre os indivíduos e o padrão de comportamento do apego vai depender do sexo, idade e circunstâncias atuais além de experiências que teve com as figuras próximas quando criança, de que maneira foram supridas as suas necessidades e como se estabeleceram essas relações. Portanto, a importância do tipo de apego se dá ao longo da vida, pois na vida adulta, tendem a perpetuar nas mais variadas condições Raposo et al. (2022).

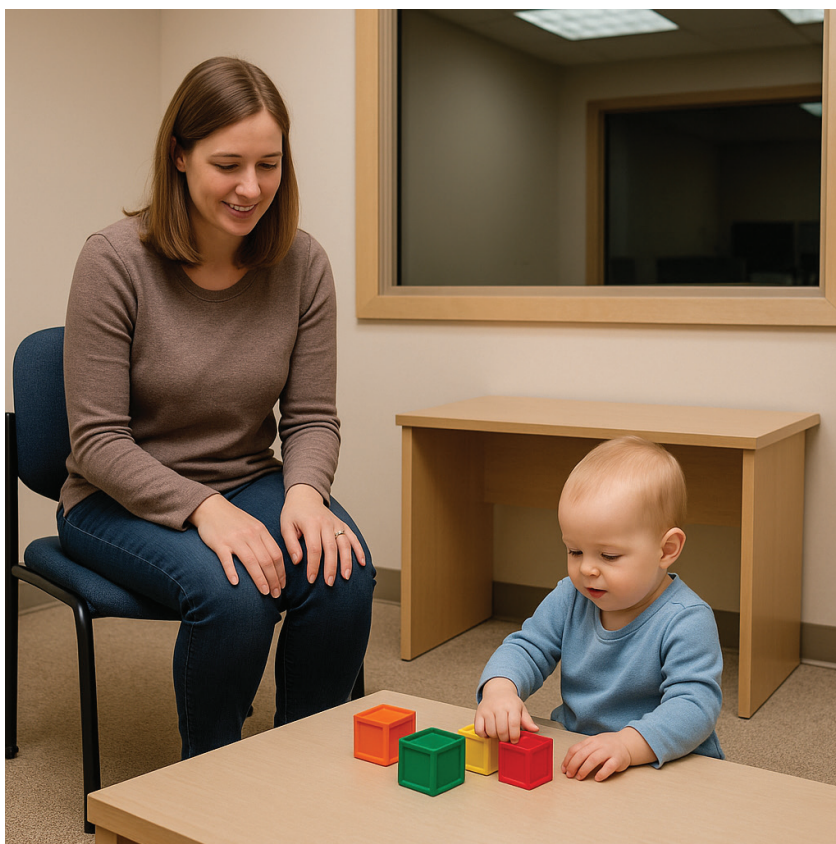


Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

A técnica de laboratório desenvolvida pela aluna de Bowlby, Mary Ainsworth(1978), tem sido usada para comparação em estudos sobre a relação dos cães e seus tutores em relação à relação criança e figura materna (TOPÁL et al., 1998). A técnica chamada “situação estranha” inclui mães e bebês

com cerca de um ano de idade e um ambiente não familiar estando na primeira situação junto com a mãe na sala, depois sem ela e na companhia de um estranho e na terceira novamente junto da figura materna.

O objetivo foi analisar a resposta emitida pelos bebês a partir da relação existente com as cuidadoras e verificaram quatro padrões de apego: Apego Seguro, Apego Inseguro Evitativo, Apego Inseguro Ansioso/Bivalente e Apego Inseguro Desorganizado.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Sendo a família a unidade básica do relacionamento humano, esta é influenciada pela cultura na qual está inserida, o que constitui um sistema interativo, sendo mais do que a soma de uma série de comportamentos individuais. Cada família terá suas próprias e peculiares características, e ainda precisará se adaptar e moldar a mudanças e novas configurações ao longo de seu desenvolvimento (CABRAL, 2020).

Pensando no conceito de família que atualmente inclui os animais, o vínculo criado entre humanos e cães proporciona benefícios fisiológicos e emocionais para ambos, é uma relação bidimensional, na qual se tornam parceiros sociais preenchendo as necessidades de vinculação afetiva um do outro. Rehn, Beetz e Keeling (2017) investigaram que o estilo de apego do tutor influencia na forma como seu cão interage e obtém apoio frente a novos desafios.

Foi constatado que quanto mais seguro o estilo de apego da tutora, mais confortável o cão ficava nas situações estressantes. Nas tutoras ansiosas-ambivalentes, o cão ficou maior tempo próximo a elas. Nas tutoras evitativas, o cão ficou voltado para o barulho e para a pessoa desconhecida aumentando seus sinais comunicativos de estresses.

Nessa direção, Konov *et al.* (2015) afirmam que tutores com apego inseguro evitativo tem mais probabilidade de desenvolver Síndrome de Ansiedade de Separação (SAS) em seus cães, sugerindo que essas pessoas são menos responsivas às necessidades dos animais não assumindo a função de base segura. Essa pesquisa ainda supõe que o estilo de apego dos tutores influencia diretamente no comportamento de cuidado para seus cães, sendo mais ou menos responsivo em situações em que o animal demonstra sinais de estresse.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Outro estudo (SOLOMON et al, 2018) classificou o estilo de apego dos cães. Numa adaptação do Teste da Situação Estranha foi observado que 61% dos cães apresentavam comportamento de apego seguro semelhante ao encontrado em humanos cuidadores. Cuidadores mais sensíveis aos cães durante o procedimento tiveram seus cães classificados com apego seguro.



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Por fim, assim como o ambiente afetivo adequado permite que os seres humanos amadureçam emocionalmente, a convivência entre cães e a interação com seus tutores são fundamentais para o desenvolvimento saudável de ambas as espécies. A qualidade dessas interações define a capacidade

de cães e humanos de se adaptarem ao ambiente familiar e às suas próprias necessidades emocionais, promovendo bem-estar e equilíbrio para todos os envolvidos (Winnicott, 1958; Fulgencio, 2016).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

A Socialização Intraespécie e Interespécie: Impactos no Desenvolvimento Emocional de Humanos e Cães

Desde os primórdios da relação entre humanos e cães, o vínculo estabelecido foi baseado principalmente na cooperação. Os cães se aproximavam dos humanos em busca de alimentos mais acessíveis, enquanto os humanos viam nos cães uma fonte de proteção e segurança (Rosa et al., 2018). Essa interação mútua não apenas favoreceu a sobrevivência, mas também o crescimento de ambas as espécies ao longo do tempo (Rosa et al., 2018). Contudo, essa relação evoluiu significativamente na contemporaneidade, com os cães não apenas ocupando os lares humanos, mas também sendo incorporados emocionalmente ao núcleo familiar (Faraco, 2008). Esse fenômeno levou à formação do conceito de família multiespécie, onde os laços entre humanos e cães transcendem a cooperação inicial e se transformam em vínculos afetivos profundos e recíprocos (Faraco, 2008).

Apesar dessa proximidade crescente, o vínculo interespécie também apresenta desafios. Um dos problemas observados é a antropomorfização, ou seja, a tendência de atribuir características humanas aos cães (Rosa et al., 2018). Embora essa prática possa fortalecer os laços afetivos, ela também pode comprometer as necessidades naturais dos cães, afetando seu desenvolvimento emocional (Rosa et al., 2018). Para garantir o bem-estar dos cães, é essencial permitir que eles expressem comportamentos naturais, como correr, cheirar e explorar territórios, além de interagir socialmente com outros cães (Carniato & Blankenheim, 2021). A falta de socialização adequada pode resultar em comportamentos desajustados, como medo excessivo ou agressividade, o que impacta diretamente a dinâmica social

e o estilo de vida dos tutores, limitando suas interações cotidianas (Pereira, 2021).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

A socialização desempenha um papel vital no desenvolvimento saudável dos filhotes, assegurando a integração ao grupo familiar e ao ambiente social mais amplo. Desde a gestação, o ambiente molda padrões comportamentais, uma vez que condições adequadas para a fêmea gestante influenciam diretamente a saúde e o comportamento dos filhotes (Carniato & Blankenheim, 2021). Para atender às necessidades de socialização, é essencial que os filhotes permaneçam com suas mães por pelo menos 60 dias, período em que aprendem comportamentos sociais importantes, como a comunicação e o controle da mordida (Carniato & Blankenheim, 2021).

A vida dos cães é dividida em várias fases: pré-natal, neonatal, pediátrica, juvenil, adulta e idosa (Carniato & Blankenheim, 2021). O presente estudo enfatiza as três primeiras fases, destacando o desenvolvimento da socialização dos cães. Na fase pré-natal, o ambiente é essencial para moldar os padrões comportamentais dos filhotes ainda no útero, com um ambiente adequado para a fêmea gestante influenciando diretamente o equilíbrio da ninhada (Gonçalo Pereira, 2021). No período neonatal, até os 14 dias de vida, o contato humano direto e cuidadoso é fundamental para criar filhotes mais confiantes e emocionalmente estáveis, sendo o calor e a alimentação adequados elementos essenciais para esse desenvolvimento inicial (Gonçalo Pereira, 2021).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Já no período pediátrico, que vai até as 12 semanas de vida, os filhotes começam a explorar o ambiente ao seu redor, passando por uma fase de transição entre a 2ª e a 3ª semana, onde desenvolvem percepções sensoriais e começam a ingerir alimentos semi-sólidos (Carniato & Blankenheim, 2021).

O período mais crítico para a socialização é o chamado “período sensível”, que se estende da 3ª à 14ª semana de vida, quando o filhote deve ser exposto a diferentes estímulos, como outros cães, pessoas (homens, mulheres, crianças e idosos) e ambientes variados, para promover um desenvolvimento equilibrado (Faraco, 2021). O termo “sensível” é mais apropriado para descrever essa fase, pois considera a variabilidade individual dos filhotes e não implica rigidez temporal. Essa fase abrange tanto a socialização quanto a habituação. Durante esse período, o filhote começa a associar estímulos a emoções negativas e a memorizar experiências, o que influencia seu comportamento futuro. Portanto, uma exposição controlada e positiva é essencial para prevenir problemas comportamentais (Gonçalo Pereira, 2021).

Para que a socialização seja completa, é fundamental que ela ocorra de maneira gradual e sensível, tanto com outros cães quanto com humanos, a fim de evitar traumas que possam impactar negativamente o desenvolvimento emocional dos cães na vida adulta (Carniato & Blankenheim, 2021). Filhotes bem socializados demonstram menos reações de medo e maior adaptação a sons, pessoas e objetos desconhecidos (Soares, 2021). Muitos tutores acreditam, equivocadamente, que a socialização deve começar apenas após a vacinação completa. No entanto, é essencial iniciar o processo antes mesmo do término do

esquema vacinal, desde que o ambiente seja seguro e os outros animais envolvidos estejam saudáveis (Gonçalo Pereira, 2021). Uma abordagem eficaz para promover a socialização é a participação em “aulas de socialização para filhotes”, conhecidas como “puppy classes”, realizadas até as 14 semanas de vida. Essas aulas oferecem um ambiente seguro para a interação e permitem a identificação precoce de possíveis problemas comportamentais, como timidez ou medo excessivo, que podem ser tratados por especialistas em Medicina Comportamental (Soares, 2021).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

O treinamento de comportamentos básicos é parte integral de uma socialização completa, ajudando os cães a se adaptarem a diferentes situações e reforçando o vínculo com os tutores. Isso também previne comportamentos indesejados, como destruição de objetos, agressividade, excreção em locais inadequados, ansiedade de separação, fobias e vocalização excessiva (Gonçalo Pereira, 2021). Um ambiente enriquecido com estímulos físicos e mentais promove um desenvolvimento emocional equilibrado, diminuindo o risco de abandono (Faraco, 2021).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Portanto, a socialização é um elemento essencial para que os cães desenvolvam habilidades sociais, emocionais e comportamentais de maneira saudável, garantindo uma convivência harmoniosa com os humanos e promovendo o bem-estar emocional ao longo de suas vidas.

A importância do ambiente adequado para o desenvolvimento emocional não se limita apenas aos cães. O ser humano, assim como as outras espécies, depende de um ambiente que promova interações sociais saudáveis para seu crescimento emocional (Winnicott, 1958; Fulgencio, 2016). O psicanalista Donald Winnicott, em sua teoria do desenvolvimento emocional primitivo, enfatiza a importância do ambiente e das relações sociais para o crescimento emocional do ser humano (Winnicott, 1958, 2022). Para ele, o ser humano só alcança um desenvolvimento emocional completo por meio da interação com outros humanos, sendo o ambiente familiar o principal cenário para esse processo de amadurecimento (Winnicott, 1958; Fulgencio, 2016).

Winnicott (2019) descreve o desenvolvimento da maturidade emocional em três fases principais: dependência absoluta, dependência relativa e o rumo à independência. Durante a fase de dependência absoluta, que ocorre tipicamente nos primeiros seis meses de vida, o bebê é incapaz de distinguir entre si mesmo e o mundo externo, sendo completamente dependente da mãe ou do cuidador para suprir suas necessidades emocionais e físicas. O papel da mãe é crucial ao fornecer um ambiente de sustentação — um espaço estável e protetor que permite ao bebê começar a formar um senso de identidade. Ao identificar-se com as necessidades do bebê, a mãe oferece suporte físico e psíquico, estabelecendo a base para o desenvolvimento

emocional saudável (Winnicott, 2019). No entanto, é importante destacar que a mãe também precisa de seu próprio ambiente de sustentação — sentir-se segura e amada na sua relação com o pai da criança, além de ser aceita nos círculos sociais mais amplos que envolvem a família. Esse ambiente estável é fundamental para que os pais possam oferecer um lar onde os filhos cresçam como indivíduos autônomos, desenvolvendo gradualmente a capacidade de se identificar com os pais e, eventualmente, com a sociedade como um todo (Winnicott, 2019).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Na fase de dependência relativa, que geralmente começa por volta dos seis meses de vida, o bebê gradualmente começa

a distinguir entre o “eu” e o “outro”, algo que representa uma transição significativa em seu desenvolvimento emocional (Winnicott, 1965). Ele passa a tolerar pequenas ausências da mãe, embora ainda dependa emocionalmente dela para garantir sua segurança e conforto (Winnicott, 1965). Durante essa fase, o bebê começa a explorar o mundo ao seu redor com mais autonomia, o que marca o início de sua capacidade de experimentar o ambiente de maneira mais independente, mas ainda contando com a presença da mãe como uma base segura (Winnicott, 1965).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

O papel do ambiente permanece essencial, fornecendo uma base estável que permite ao bebê lidar com pequenas frustrações de forma gradual e, assim, integrar a realidade de maneira saudável (Winnicott, 1965). É também durante essa fase que Winnicott introduz o conceito de “objetos transicionais”, como cobertores ou brinquedos, que auxiliam a criança a fazer a transição emocional da dependência para uma maior autonomia (Winnicott, 2019). Esses objetos servem como uma “ponte” entre o mundo interno subjetivo do bebê e a realidade externa, proporcionando-lhe conforto e segurança durante esse processo de separação gradual (Winnicott, 2019).

A fase final, conhecida como rumo à independência, não sugere uma independência plena, uma vez que, como enfatiza Winnicott (1965), os seres humanos nunca alcançam uma independência total. Eles sempre dependerão de vínculos sociais e afetivos para sobreviver e se desenvolver de maneira saudável (Winnicott, 1965). Essa fase, no entanto, marca o momento em que o indivíduo adquire autonomia emocional suficiente para interagir com o mundo de forma mais plena, ao mesmo tempo em que mantém relações sociais saudáveis e significativas (Winnicott, 1965). A qualidade do ambiente durante as fases anteriores de dependência, especialmente nas primeiras interações sociais e emocionais, influencia diretamente a capacidade do indivíduo de formar e manter essas relações saudáveis ao longo da vida (Fulgencio, 2016). É por meio dessas relações que o indivíduo continua a se desenvolver emocionalmente, nunca alcançando uma independência completa, mas sim uma autonomia que integra sua necessidade constante de conexão com os outros (Winnicott, 1965).

Winnicott (1958) afirma que a presença de um ambiente “suficientemente bom” é essencial para o desenvolvimento

emocional saudável em todas essas fases. A ausência desse suporte pode resultar em distúrbios emocionais, assim como a falta de socialização adequada pode comprometer a saúde emocional dos cães, prejudicando sua capacidade de interagir com o mundo ao seu redor (Rosa et al., 2018).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Na contemporaneidade, muitos humanos têm se distanciado das interações sociais presenciais. O estilo de vida moderno, cada vez mais caracterizado por relações

virtuais, dificuldades econômicas e a vida em grandes centros urbanos, tem contribuído para um afastamento progressivo do convívio social, tanto físico quanto emocional (Almeida et al., 2021). Assim como os cães precisam de convívio com seus semelhantes para aprender a ser cães, os humanos também necessitam de outros humanos para desenvolver plenamente sua humanidade. De acordo com Almeida et al. (2021), o isolamento social pode ter graves consequências para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças e adolescentes, prejudicando o aprendizado de habilidades sociais e a construção de uma identidade integrada. Além disso, os ambientes virtuais e o afastamento físico podem agravar esses problemas, dificultando a formação de vínculos interpessoais sólidos (Almeida et al., 2021).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Winnicott (2019) também enfatiza que o brincar é essencial para a criança experimentar o mundo, desenvolver sua criatividade e estabelecer vínculos afetivos, um processo que é inibido pela ausência de interações presenciais. Portanto, tanto para cães quanto para humanos, a socialização é um componente crucial para um desenvolvimento saudável, e a falta dela pode trazer consequências sérias para a saúde emocional e mental de ambos (Winnicott, 2019; Almeida et al., 2021). De acordo com Loparic (2016), o ambiente social e o cuidado têm um papel central no desenvolvimento ético e emocional do ser humano, oferecendo as bases para que o indivíduo desenvolva um senso de pertencimento e responsabilidade dentro da sociedade.

Casos de crianças criadas sem contato social adequado ilustram de forma clara a importância da socialização para o desenvolvimento humano. Histórias como a das “crianças selvagens”, incluindo o famoso caso de Amala e Kamala, duas meninas supostamente criadas por lobos na Índia, chamaram atenção da comunidade científica. Essas crianças, ao serem resgatadas e reinseridas na sociedade, enfrentaram grandes dificuldades em se adaptar ao comportamento humano, o que reforça a importância crítica da socialização nos primeiros anos de vida para o desenvolvimento emocional e comportamental saudável (Souza, 2008). Estes casos demonstram como a privação do convívio social pode impactar profundamente o desenvolvimento das emoções e das funções psicológicas, evidenciando que o convívio social é crucial para a manifestação de emoções humanas básicas e para a integração na sociedade (Souza, 2008).

Segundo Papalia e Martorell (2022), a socialização é o processo pelo qual as crianças adquirem os valores, habilidades e comportamentos esperados em uma sociedade,

e o isolamento pode prejudicar esse desenvolvimento. A substituição das interações presenciais por relações virtuais ou o isolamento nas grandes cidades pode levar a dificuldades emocionais e comportamentais, resultantes da falta de convivência com outros humanos (Papalia & Martorell, 2022).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Winnicott (2019) enfatiza que o brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento emocional, oferecendo à criança um espaço seguro para explorar o mundo e formar vínculos afetivos. De acordo com Winnicott, brincar é uma forma de estabelecer relações interpessoais que são fundamentais para a saúde emocional da criança (Winnicott, 2019). Sem essas interações, o desenvolvimento emocional da criança pode ser gravemente comprometido, afetando sua capacidade de se adaptar ao mundo exterior.

Além disso, a convivência social não é apenas essencial para o desenvolvimento individual, mas também desempenha um papel crucial na construção de uma ética de cuidado e responsabilidade mútua. Segundo Garcia (2011), a ética do cuidado vai além da própria espécie e envolve a preocupação com todas as formas de vida, reconhecendo a interdependência entre os seres. O viver ético, portanto, exige que o ser humano desenvolva uma consciência que abranja não apenas o bem-estar de outros seres humanos, mas também o cuidado com o meio ambiente e as outras espécies que compartilham o planeta (Garcia, 2011). Esse tipo de ética reforça a responsabilidade de cada indivíduo em adotar atitudes que beneficiem tanto a sociedade humana quanto o mundo natural ao seu redor (Fulgencio, 2016).

Quando as expectativas dos tutores em relação ao comportamento canino são baseadas em uma visão humanizada, isso pode gerar frustração, estresse e desilusão, especialmente quando os cães não correspondem a essas expectativas (Faraco, 2008). Comportamentos desajustados nos cães, como medo excessivo ou agressividade, podem impactar diretamente a dinâmica social e o estilo de vida dos tutores, uma vez que interações sociais e atividades cotidianas passam a ser limitadas pelo comportamento do

animal (Pereira, 2021). Assim, a falta de uma socialização adequada não apenas prejudica o bem-estar do cão, mas também reflete na vida social do tutor, criando barreiras para o estabelecimento de vínculos sociais mais amplos (Faraco, 2021).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

Portanto, é fundamental compreender a importância da socialização intraespécie, tanto para humanos quanto para cães. Ambas as espécies necessitam de ambientes que favoreçam a convivência com seus semelhantes para aprender comportamentos essenciais e desenvolver-se de forma saudável (Carniato & Blankenheim, 2021). No caso dos cães, essa socialização garante que eles desenvolvam comportamentos típicos da espécie, enquanto para os

humanos, a convivência social permite a formação de identidades e habilidades sociais complexas (Papalia & Martorell, 2022). A reflexão sobre a responsabilidade ética e social do ser humano em promover uma convivência respeitosa e equilibrada com todas as formas de vida é essencial para garantir o bem-estar emocional e comportamental de todas as espécies envolvidas (Garcia, 2011; Fulgencio, 2016). Essa ética do cuidado reconhece a interdependência entre seres humanos, animais e o ambiente, promovendo ações que beneficiem o planeta como um todo (Garcia, 2011).



Fonte: Imagem gerada por IA (ChatGPT – OpenAI, 2025), a partir de prompt elaborado pelas autoras.

REFERÊNCIAS

- Acero Aguilar, Myriam. Esa relación tan especial con los perros y con los gatos: la familia multiespecie e suas metáforas. *Tabula Rasa*, v. 32, p. 157-179, 2019. doi:10.25058/20112742.n32.08.
- Ainsworth, M. D. S.; Blehar, M. C.; Waters, E.; Wall, S. *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978.
- Almeida, ILL, Rego, JF, Teixeira, ACG, & Moreira, MR (2022). Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: Uma revisão sistemática. *Revista Paulista de Pediatria*, 40, e2020385. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2020385>
- Barreto, RM, Kobayashi, MAG, & Vasconcellos, PA (2023). O papel da família nos processos de aprendizagem da criança em uma perspectiva psicanalítica. *Projeção, Saúde e Vida*, 4 (1), 10–17. Recuperado de <https://revista.faculadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao6/article/view/2194>
- Belchior, GPN, & Dias, MRMS (2020). Os animais de estimação como membros do agrupamento familiar. *Revista Brasileira de Direito Animal*.
- Bowen, M. (1976). Teoria na prática da psicoterapia. Em P. Guerin (Ed.), *Terapia familiar: Teoria e prática* (pp. 42–87). Imprensa Gardner.
- Bowlby, J. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Trabalho original publicado em 1979.
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*.
- Cabral, F. G. de S.; SAVALLI, C. Sobre a relação humano-cão. *Psicologia USP*, v. 31, e190109, 2020. doi:10.1590/0103-6564.e190109.
- Carcinato, C. e Blankenheim, T. (2021). Fases do desenvolvimento do cão. Em *Socialização de cães filhotes - Um guia para veterinários*. Curitiba: UFPR.
- Cavalcanti, CLF e Lima, FA (2017). Democracia: Uma visão histórica, política e psicossocial. *Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal*, 4 (6), 31–41. <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/artigo/view/53>
- Dias, MB (2017). Manual de direito das famílias. *Revista dos Tribunais*.
- Duvall, NM, & Pychyl, TA (2008). Um exame das relações entre apoio social, antropomorfismo e estresse entre donos de cães. *Anthrozoos*, 21 (2), 139–152.

- Faraco, CB (2008). Interação humano-animal. *Ciência Veterinária Tropical*, 11 (Supl. 1), 31–35.
- Faraco, CB (2021). Bem-estar animal e Medicina Comportamental: Conexões, Bem-estar dos cães. Em *Bem-estar dos cães e gatos e comportamento medicinal*. São Paulo: APAMVET.
- Faraco, CB e Seminotti, N. (2010). Sistema social humano-cão a partir da autopoiese em Maturana. *Psico*, 41 (3).
- Farias, CJS e Rosendal, N. (2012). *Direito Civil – Famílias*. Editora Forense.
- Fulgêncio, L. (2016). *Por que Winnicott?* Rio de Janeiro: Editora Zagodoni.
- Garcia, RM (2011). A ética do cuidado e a sociedade democrática. *Impressões eletrônicas de Winnicott*, 6 (1). https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000100006
- Heidrich, G. (2016). Quem depende de quem? *Revista Super Interessante*. <https://super.abril.com.br/ciencia/quem-depender-de-quem>
- Hisada, S. (2024). *Gotas Psicanalíticas*. São Paulo: INM Editora.
- Konov, V. et al. Influence of owners' attachment style and personality on their dogs' (Canis familiaris) separation-related disorder. *PLoS ONE*, v. 10, n. 2, 2015.
- Lazzari, Marcele. O luto de famílias multiespécie na perspectiva da teoria do apego. 2020. Dissertação (Mestrado) — Universidade de Caxias do Sul. Orientação: Tânia Maria Cemin. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8409>.
- Leal, APG e Pereira, FQ (2023). Relação de vínculo afetivo na interação do homem com o animal de interrogação. *Revista Brasileira de Zoociências*, 19 (2), 153–163.
- Lima, P.G. (2015). *Família multiespécie: Uma nova forma de convivência*. Juruá Editora.
- Loparic, Z. (2016). *A ética da lei e a ética do cuidado*.
- Madaleno, R. (2019). *Famílias plurais e direito de família*. Livraria do Advogado.
- McCune, S. (2021). Animais de companhia: Ciclo familiar, papéis e tipos de interação. Em *Bem-estar dos cães e gatos e comportamento medicinal*. São Paulo: APAMVET.
- Mitidieri, LU (2010). Um osso para Rex: as relações entre consumidores e animais de estimação e as suas influências no ato de apresentar.

Dissertação (Mestrado Executivo em Gestão Empresarial), Fundação Getúlio Vargas.

Nichols, MP e Schwartz, RC (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos* (7ª ed.). Artmed.

Osório, AB (2019). Guloseimas para animais de estimação: comensalidade, afeto e antropomorfismo. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, 57–71.

Papalia, DE e Martorell, G. (2022). *Desenvolvimento humano* (14ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Pereira, G. (2021). Prevenção de problemas de comportamento: Orientação sobre o desenvolvimento de filhotes. Em *Bem-estar dos cães e gatos e comportamento medicinal*. São Paulo: APAMVET.

Pereira, R. (2015). Afetividade e o novo paradigma das famílias. *Lúmen Juris*.

Raposo, C. C.; Pinheiro, I. M. de O.; Barreto, R. P.; Ichitani, T. O apego entre tutor e seu animal de estimação. 2022. Trabalho de monografia — Instituto Quatro Estações. Orientação: Profa. Dra. Luciana Mazorra. Disponível em: https://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/apego_entre_tutor_e_animal_de_estimacao.pdf.

Reddy, R. B. et al. Do children help dogs spontaneously? Human-animal interactions. CABI International, 2023. doi:10.1079/hai.2023.0001.

Rehn, T.; Beetz, A.; Keeling, L. J. Links between an owner's adult attachment style and the support-seeking behavior of their dog. *Frontiers in Psychology*, v. 8, p. 2059, 2017. doi:10.3389/fpsyg.2017.02059.

Rosa, P., Lima, C., & Souza, M. (2018). Antropomorfismo: Definições, histórico e impacto em cães de companhia. *Revista Brasileira de Zootecias*, 19 (2), 153–163.

Soares, GM (2021). Transtornos de ansiedade e medo em cães. Em *Bem-estar dos cães e gatos e comportamento medicinal*. São Paulo: APAMVET.

Solomon, A. et al. Attachment security in companion dogs: adaptation of Ainsworth's strange situation and classification procedures to dogs and their human caregivers. *Attachment & Human Development*, 2018. doi:10.1080/14616734.2018.1517812.

de Souza Machado, D., & Sant'Anna, AC (2017). Síndrome de ansiedade por separação em animais de companhia: Uma revisão. *Revista Brasileira de Zootecias*, 18 (3).

Souza, KP (2008). Crianças selvagens: A expressão das emoções após situação de extrema privação de convívio social (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8215/1/arquivo3877_1.pdf

Topál, J. et al. Attachment behavior in dogs (*Canis familiaris*): a new application of Ainsworth's (1969) Strange Situation Test. *Journal of Comparative Psychology*, v. 112, n. 3, p. 219–229, 1998.

Waller, BM, Peirce, K., Caeiro, CC, Scheider, L., Burrows, AM, McCune, S., & Kamiski, J. (2013). Expressões faciais pedomórficas. Antropomorfismo em cães de companhia. *Revista Brasileira de Zootecias*, 19 (2), 153–163.

Waller, BM, Peirce, K., Caeiro, CC, Scheider, L., Burrows, AM, McCune, S., & Kamiski, J. (2018). Expressões faciais pedomórficas dão aos cães uma vantagem seletiva. *PLoS ONE*, 8 (12), 1–6.

Winnicott, DW (1958). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Editora Ubu.

Winnicott, DW (2019). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Editora Ubu.

Winnicott, DW (2019). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Editora Ubu.

Winnicott, DW (2022). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Editora Ubu

Referências das Imagens

OpenAI. (2025). Image generated by artificial intelligence (ChatGPT – GPT-5 with image generation) based on textual description provided by the author. Retrieved [dia mês ano], from <https://chat.openai.com/>



Universidade
Tuiuti do
Paraná